

O Juiz da Beira.

## FIGURAS.

PERÓ MARQUEZ.

PORTEIRO.

FERREIRO.

VASCO AFFONSO

ANNA DIAS.

ÇAPATEIRO.

ESCUDEIRO.

MOÇO DO ESCUDEIRO.

PREGUIÇOSO.

BAILADOR.

AMADOR.

BRIGOSO.

---

*Esta farça que se adiante segue he o seu argumento desta maneira: Diz o Autor que este Pero Marquez, como foi casado com Ines Pereira, se forão morar onde elle tinha sua fazenda, que era lá na Beira, onde o fizerão Juiç. É porque dava algumas sentenças disformes por ser homem simpreç, foi chamado á Côrte, e mandárão-lhe que fizesse hũa audiencia diante d'ElRei. Foi representada ao mui nobre e christianissimo Rei D. João, o terceiro em Portugal deste nome, em Almeirim na era do Senhor de 1525.*

## O JUIZ DA BEIRA.

---

*Entra Pero Marquez dizendo :*

PERO.

Olhae vós bem qu'este sam eu  
Homem de boa ventura,  
Empacho nunca m'atura,  
E hei de dizer o meu  
Coma qualquer criatura.  
Pero Marquez sam da Beira  
E juiz mexericado ;  
Derão-me lá hum Julgado  
Por cajo de Ines Pereira,  
Com que embora sam casado.

Passou-se ca hum mandado,  
Nega por me dar canseira,  
Que logo em toda maneira  
Viesse, e vim emprazado  
Bofá com fraca esmoleira.  
E porque me tem tenção  
Diogo Lopes de Carvalho,  
Por me meter em trabalho,  
Diz que não cumpro a Ordenação,  
E que pera juiz não valho.

Qu'elle he muito d'apertar  
Com juizes de siqueiro.  
Ora eu por não ser páceiro,  
Vim ca pera m'amostrar  
Que sou eu homem inteiro.  
Ora assi que de maneira  
Minha hóspeda Ines Pereira  
( Deos a benza ! ) sabe ler,  
E quanto me faz mister  
Pera eu ir pola carreira.

De que eu contente sam,  
Soma avonda que assi

Lê-me ella o caderno ali  
Onde s'he a ordenaçam  
De cabo a rabo em par de mi  
Do que pertence ao juiz :  
E assi como ella diz  
Assi xe-mo faço eu ;  
E em terra de Viseu  
Ninguem não me contradiz.

*Vem hum Porteiro apregoando.*

PORTEIRO.

Quem quizer vir arrendar  
As charnecas de Coruche,  
Antes que o lanço mais puxe,  
Que se querem arrematar.  
São terras novas guardadas,  
Que nunca foram lavradas.  
Oh que matos pera pão !  
Que vales pera açafão  
E canas açúcaradas !

E mais quem quizer lançar  
N'alfandega da cortiçada,  
Ser-l'ha logo arrematada,  
Se espera bem de pagar.

PER. Senhor Porteiro.

POR. Andar.

PER. Em logar de cor'gedor  
Me mandou o Regedor  
Que faça neste logar  
Odiança d'Ouvidor.

Vossa mercê servirá  
Minha odiança assi  
Como elle tambem a mi ;  
Então aqui se verá  
Se vou eu limpo daqui.  
Ora traga vossa mercê  
Hum banco e hũa esteira,  
E hũa cortiça inteira,  
E vossa mercê me dê  
Licença que o requeira.

PER. Ide logo sem tardar.  
POR. Quem no vir assi mandar  
Cuidará que sabe o que diz :  
Tal he elle p'ra juiz

Como eu sou pera prégar.  
PER. Olhae ca, senhor Porteiro.  
POR. Senhor Juiz, que me manda?  
PER. Pregoe quem tem demanda,  
Que venha aqui a terreiro  
E diga em que termos anda.

E venha o banco todavia  
Muito bom, muito direito.  
POR. Quem quiser hoje este dia  
Ver mau pesar de seu feito,  
Não tarde hũa ave-maria.  
Tal juiz em tal logar  
Parece cousa de riso.  
Porém que me dá a mi disso  
Bem julgar nem mau julgar?

Quem faz juiz hum vaqueiro!  
PER. Senhor Porteiro, lá vem  
Vasco Affonso e tambem  
João Dominguez, ferreiro.

*Indo o Porteiro buscar o banco, topa o ferreiro e Vasco  
Affonso, e diŝ o*

FERREIRO.  
Que andais buscando, Porteiro?  
POR. Hum banco pera a audiança.  
FER. Aqui banco não s'alcança  
Senão em casa do carpinteiro.

PORTEIRO.  
Digo a Deos e á ventura,  
Não he melhor esta cadeira  
Que tem pele e tem madeira  
E tem-se bem e he segura?  
FER. Poucas destas vio o Juiz.  
VAS. Boa he ella pera assentar,  
Mas este atafal não diz.  
POR. Isto he pera encostar.

Senhor Juiz, isto he cadeira;  
Cortiça, nem ponta della.  
PER. Dae ó demo a cancela  
E quem a trougue da feira:  
Eu não saberei aqui ser.  
Dou ja ó fogo a guitarra!  
Quem tinha esta zanguizarra?  
POR. Quem a sabe conhecer.

PERO.

I-me a Diogo d'Arruda  
Que me faça hũa trepeça.

POR. Que juiz e que cabeça !  
Dou eu já ó demo a resmuda.

PER. E que diz elle ? que diz ?

VAS. Que pareceis escudeiro.

PER. Como he bom este Porteiro ?

POR. Como he parvo este Juiz !  
Corpo de mi co gaiteiro :

PERO.

Pardeos, logo eu jurarei  
Que o Porteiro he homem são,  
Por si, si, e por não, não,  
Todo feito a boa lei,  
E fóra de ma tenção.

POR. Esta he rasa e mais honesta.

PER. Ponte, ou que cousa he esta ?  
Não tragais jôgo de ver,  
Que bem haveis de saber  
Que isto he presepe de bêsta.

Va eramá vossa mercê  
E traga logo a recado  
Hum banquezinho assi usado,  
Porqu'isso não sei que he.  
POR. Hum vilão destemperado  
He peor que pestelença.  
Oh ! dou ó demo a audiença !  
Perdoe-me Deos se he peccado.

Ora assi hei eu d'andar  
De Anás pera Caifas ?  
Juro a cata-que-farás  
Que bem me podem chamar  
Tu que vens e tu que vas.  
Ei-lo banco ca está.  
Esteis muitieramá :  
Tomae lá, senhor Juiz,  
Pera vós este vos diz.

PERO.

Pera, mi ! ahi serei :  
Pardeos, proprio he com'este  
Hum banco que lá deixei :  
Agora estou como ElRei,  
E praza a Deos que me preste.

Ora sus, agasalhar,  
Tirae d'hi essas cancellas ;  
Quellas hi não hão d'estar :  
Ou fóra, á rua com ellas.

FERREIRO.

Estae vós ahi, Juiz,  
E nós em pe como bons filhos.  
PER. Senhor Porteiro, esses peguilhos  
Deitae-os no chafariz.  
POR. Levarei, ora estae quedo :  
Perdida he a decoada  
Na cabeça d'asno pegada.  
Não sois vós pera camara, Pedro.

*Leva o Porteiro as cadeiras e topa com Anna Dias,  
que vem á audiencia, e diz :*

PORTEIRO.

Venhais embora, Anna Dias.  
Em demanda andais ca ?  
ANN. Sempre o diabo me dá  
Com que tenha negros dias.  
POR. He feito crime ou que he ?  
ANN. Não sei s'he crime, se que :  
Minha filha he violada,  
E houverão-ma forçada :  
Vou-me ao Juiz.  
POR. Esse he ;  
Mas tanto val como nada.

ANNA DIAS.

Quere-lo-me, senhor Juiz,  
Do filho de Pero Amado  
Que o achei emburilhado  
Com a minha Beatriz.  
PER. E onde ?  
ANN. No seu cerrado.  
PER. E que ia ella lá catar ?  
ANN. Forão ambos a mondar,  
E o trigo era creçudo  
E foi-se a ella.  
PER. Coma sesudo,  
Pois que tinha bô logar.

ANNA DIAS.

Olhae vós como elle gosta !  
Juiz, fazei-me direito.  
PER. Digo que pois ja he feito,

Venha elle com sua resposta,  
Ou lhe faça bom proveito,  
E venha a moça citada.

ANN. E a cachopa he prenhada.

PER. Assi se faz.

ANN. Não ha hi mais ?

Esse he o remedio que dais ?  
Ora estou bem aviada.

PER. Mãe, mãe, eu não sei que diga.  
Pae, pae, venha a rapariga,  
E veremos que ella diz :  
E como diz a cantiga,  
Traga as testemunhas ca,  
Sete ou oito abastarão.

ANN. Senhor, se não for per rezão,  
Nunca s'isso provará :

PER. Que era o pão onde os achei  
Mais alto do qu'he essa vara.  
S'ella mesma não folgára,  
Chamára ella áquedelrei ;  
Mas *credo quo natura dat*  
*Nemo negare pote.*

FER. Anna Diz, feito heja ja,  
Não s'ha de fazer de cote.

ANNA DIAS.

Não sam eu Marta a piadosa  
Que dou caldo aos enforcados,  
Nem perdoa taes peccados  
Quem a honra tem mimosa.  
O que haveades de fazer,  
Sentae-m'o nessa querella,  
Que adiante hei d'ir com ella,  
Inda que saiba morrer.

PER. Não no hei polo desprêzo  
Que elle quis fazer de mi,  
Nem outras cousas assi ;  
Mas hei-o polo mao vezo  
Qu'elle tomará dahi.  
Se a moça he dessa pelle,  
Não he o moço de culpar.  
ANN. Deixára-a elle mondar :  
Que ôlho mao se meta nelle,  
E muito do mao pesar.



Maos exemplos, maos ensinos ;  
 Hum moço já homem barbado,  
 ( Benz'o Deos ) e mancipado  
 Ir fazer taes desatinos !

PER. São cousas de moços.

ANN. Assi,

Boa concrusão trazeis.

PER. Que he o que vós quereis ?

ANN. Que o mandeis vir aqui  
 Preso, e que o castigueis.

PERO.

Ja eu estive cuidando nisso,  
 Porque eu não sou abantesma.  
 Mas que sei eu s'ella mesma  
 Deu casião pera isso ?  
 E perem tudo assi visto,  
 Eu mando per meu mandado  
 Que até esse pão ser segado,  
 Que se não fale mais nisso.

E áquelle mesmo pão  
 Eu e estes homens bôs  
 Iremos lá e veremos nós  
 Se a houve per fôrça ou não :  
 Que se ella não queria  
 Estará o pão derramado,  
 E ha mister bem olhado  
 Ella se se defendia.

*Vem hum Çapateiro, Cristão novo, de calçado velho, e diç :*

ÇAPATEIRO.

Cuando éramos judíos,  
 Dolor del tiempo pasado,  
 Ciento y veinte y un ducado  
 Tenia en ducados mios,  
 Sin le faltar un cornado.  
 Morador en Carrion,  
 Y mercader en Medina,  
 Casado con dona Dina,  
 Nieta de Jacob Zarion,  
 Maestro mor d'Adefina.

Agora que soy guayado  
 Y negro cristianejo,  
 Andome á calzado viejo,

Desnudo, desfarrapado,  
 El mas triste del concejo.  
 Y por mas postomeria  
 Una hija que tenia  
 Tal como cera colada,  
 Húbomela alcohettata.  
 Voyme al Juez todavia.

Honrado señor Juez.

PER. Eilo.

ÇAP. Seais bien logrado.  
 Yo me soy Alonso Lopez,  
 ( Que se vea negra pez  
 La que me tiene enlodado ! )  
 Ana Dias que ahi está  
 Usa de alcohetteria ;  
 Enlodó una hija mia,  
 Moza ya de buena edad,  
 Tal como la luz del dia.

ANNA DIAS.

Olho mao se meta em ti,  
 Cazcarrea de judeu !  
 E em tal molher como eu  
 Falas tu ? dize, alfaqui,  
 Alcoviteira sam eu ?

ÇAP. Señor Juez.

PER. Eilo.

ÇAP. Buen placer.

Mandad á esa muger  
 Que hable cortés comigo.

ANN. Farrapo, tu que has comtigo,  
 Ou que me viste fazer ?

ÇAPATEIRO.

Señor Juez.

PER. Eilo.

ÇAP. Vivaís.

Mandalda luego callar,  
 Porque yo quiero probar  
 Cosas della, que digais  
 Doy al diable el enjoval.

ANNA DIAS.

Mana minha ! áquedelrei !  
 Dize, gato de Tobias,  
 E molher sam eu de lei

Pera alcovitar judias ?

ÇAP. No hableis tanto de dedo.

ANN. Eu sou ama do Craveiro,  
Vezinha do Tisoureiro,  
Sobrinha d'Alvarazedo.

Dum filho d'aranha morta !

E mais eu te provarei  
Que hum cavalo d'elrei  
Estercou á minha porta.

ÇAP. Honrado señor Juez.

PER. Eilo.

ÇAP. Buenas hadas  
Es bien que en vuestras quejadas  
Me diga aquello Ana Diez ?

PER. São molheres.

ÇAP. Aosadas !

ANN. Antes m'espanto de mi  
Como não salto em ti  
E te quebro essas queixadas.

ÇAP. No te abasta alcoheter  
Á mi hija, hembra mala ?

ANN. Cala-te ma ora, cala,  
Não me faças atentar.

PERO.

Olhae que m'esquece a mi  
Que cousa he alcovitar.

ÇAP. Yo os lo quiero contar,  
Que es una arte por sí.  
Teneis ( Dios os guarde amigo )  
Vuestra hija ó muger,  
Buena, limpia como el trigo  
Que se coge á buen placer.

Mirala un cortesano,  
Mirala, quiérela, deséala :  
Pues que hará  
Pera la haber á la mano ?  
Vase á una tal como esta,  
Y cuéntale tal y tal,  
Y ella está tan honesta,  
Que guárdeos Dios de mal.

Vase la vieja al molino,  
Entra muy disimulada,  
Muy honesta cobijada,

Como quien sabe el camino.  
Tanto escarva, tanto atiza  
Per tal arte y per tal modo,  
Hace un cielo de ceniza  
Hasta ponella de lodo.

Y esta es de la manada ;  
Que siendo en misa yo,  
Adó pocas veces vó,  
Entró la señora honrada  
Y á mi hija engañó.

PER. Se lhe ella fôra rogar  
Pera mondar hum linhar,  
A moça embargára o caminho ;  
Mas bom he dencaminhar  
O gato pera o toucinho.

ÇAPATEIRO.

Si no fuera esta malvada,  
Marina no errara así.  
ANN. Agora me lembra a mi  
Onde Marina morava :  
Antre os odreiros ali  
Me parece que vos vi  
C'os odres dependurado.  
ÇAP. Señor Juez.

PER. Eilo.

ÇAP. Buen mandado.  
Yo tambien veisme aqui  
Con los odres pendurado.

El negro Alonso Lopez  
Mal viva si otra vez  
Venga a pedirnos derecho.  
No me fuera mas provecho  
Dar al diablo el Juez ?  
Que esta merece quemada.  
PER. Julgo que se esta dona honrada  
Sabe isso tão bem fazer,  
Se o deixar esquecer,  
Seja por isso açoutada.

Assi se cerra a cancela.  
Calar, ieramá, calar,  
E não vir-vos exemplar.  
Não no sabia senão ella,  
E elle vem-no apregoar.

ÇAP. Páscoa mala dé Dios al Juez,  
Y mala páscoa al Portero,  
Y negra páscoa al herrero,  
Y al Juez otra vez,  
Y mala páscoa á Ana Diez,  
Y á mi negra vejez  
Me dé si cristiano muero. (vai-se.)

*Vem hum Escudeiro com hum seu moço, e diz :*

ESCUDEIRO.

Toma lá esse sombreiro ;  
Eu sam ja acrescentado  
Escudeiro encavalgado,  
Depois serei cavaleiro,  
Que o anno for acabado.  
Ando ja quasi privado  
Como quem no melhor anda,  
Agora ver-me em demanda,  
Acho-me tam salteado  
Como o gato na varanda.

Viste-me tu nunca andar  
Em demanda com ninguem,  
Senão hũa em Santarem ?

Moç. E outra no Lumiar,  
E em Lisboa tambem.  
Mas antes, a Deos louvores,  
Sempre vos vi ser citado.

Esc. Folgo porque es lembrado,  
E louvas Deos com minhas dores. —

Sois vós o Senhor Juiz ?

PER. 'Assi se roge por ca.

Esc. Vossa Mercê saberá  
Que m'enganou Anna Diz,  
Que a pé de juizo está.

ANN. Enganei ! Nunca Deos queira.

Esc. Ouvi vós, emboladeira :  
Eu andava namorado  
De hũa moça pretezinha,  
Muito galante mourinha,  
Hum ferretinho delgado,  
Oh quanta graça que tinha !  
Então amores de moura,  
Ja sabeis o fogo vivo,  
Ella cativa eu cativo :

Ora que ma morte moura  
Se ha hi mal tão esquivo.

Eu morria, e alem disso  
Eu não tinha então mais siso  
Do que aquella porta tem.  
Não faleis em querer bem,  
Que rapa todo o aviso.  
Andando assi como digo  
Escravo da servidora,  
Soccorri-me a esta senhora.  
Depois de falar comigo,  
Dix'eu : Senhora Anna Diz...  
Estae vós pronto, Juiz.

PER. Eilo : bem vos ouvo eu.

ESC. Dixe-lhe : ando sandeu,  
Pesar dos sanctos, qu'eu fiz ;  
Esta moura por que mouro,  
Se ma vós haveis á mão,  
Senhora, á fé de christão  
De vos dar hũa peça d'ouro  
Por sair desta paixão.

ANNA DIAS.

Que vos dixe eu então ?

ESC. Esperae, qu'eu o direi.  
Dixestes-me : trabalharei  
Por hum cruzado p'ra pão.  
— Senhora, eu vo-lo haverei. —  
Vou e vendo hũa viola  
E hum gibão de fustão  
E botas de cordovão,  
Que tinhão inda boa sola  
Que durarião hum verão ;  
E vendi hũa gualteira,  
E fiz da pousada feira.  
Soma emfim de rezões,  
Ajuntei quatro tostões,  
E metti-lh'os na mãozinha,  
Dizendo-lhe : senhora minha,  
Lembrem-vos minhas paixões.

Foi-se a boa d'adela,  
E ao primeiro recado  
Disse : dae-me outro cruzado,  
Que prazendo a Madanela  
Logo sereis aviado,

fa

Deos querendo, muito prestes,  
Porque aquelle que me déstes  
Em cuz-cuz o comeo ella.  
E se vós quereis vencê-la,  
Andem os dinheiros bastos,  
E não receeis os gastos  
Em tal moça como aquella.

ANNA DIAS.

Não vos dizia eu mal nisso,  
Porque não se tomão trutas  
Assi a bragas enxutas,  
Nem se ganha o paraíso  
Senão com offertas muitas.

Esc. Emfim, vou eu muito asinha  
Empenho hũa sela que tinha,  
E albardo o meu cavalo,  
E foi-me forçado aluga-lo  
Pera acarretar farinha,  
E fiquei desbaratado.

Isto tudo faz fazer  
O mau rapaz do Amor.

PER. Prosegui vosso lavor,  
Falae no que faz mister.

Esc. Como varreo á vassoura,  
Que vintem não me ficasse,  
Veio-me dizer que a moura  
Pedia que a forrasse.

E d'outra nenhũa maneira  
Fosse cantar á gamela,  
Ou me fosse rir á feira.  
Que não tinha nada nella.  
E ante d'haver o dinheiro :  
— Esta moura ha de morrer,  
Tamanho he o bem que vos quer :  
Esforçae, lindo Escudeiro,  
Que não na podeis perder. —

Mandava-lhe a pada de pão,  
As empadas de sardinhas,  
Bacios de camarinhas,  
A talhada de melão.  
E hũa manta d'Alentejo  
Que na minha cama tinha,  
Manta ja usádazinha,

M'a levou com tal despejo  
Como s'ella fôra minha.

Assi como vo-lo eu rezo  
Esta vos he Anna Diz.

ANN. Na forza veja eu o Juiz,  
Que he o homem qu'eu mais prézo,  
Se taes emboladas fiz :  
Lembra-me que falei eu  
A hũa filha do Cetem.

ESC. Essa me custa a mi bem  
Do alheio e do meu.

ANN. Se vos pagais tanto della,  
Forrarei-la ora ma dia.

ESC. Não fórrô minha moradia,  
Poderei forrar a ella ?

Senhor Juiz, conhecida  
He a bulra. Dê-me o meu.

PER. Desde aqui sentenceo eu  
A moeda por perdida  
Como alma de judeu.

ESC. Assi ha isso de passar ?  
Juiz, mandae-me pagar.

PER. S'ella quiser : — quereis, Anna Diz ?

ANN. Bofá não, senhor Juiz

PER. Não no ha de querer dar.

ANNA DIAS.

Viva o Juiz minhas flores !

PER. I-vos embora, Escudeiro,  
E nunca peçais dinheiro  
Que gastastes per amores.

ESC. Outro caso trago eu.

PER. Dizei.

ESC. Digo mais, senhor Juiz,  
Este moço, o peccador,  
He necio, quer-se ir de mim  
Agora que está na fim,  
Que lhe havia d'ir melhor.

Ora pois que se quer ir  
Sem pancada, nem arroido,  
Muito farto e conhecido,  
Dei-lhe agora de vestir,  
Torne-me ca o meu vestido.  
E mais lançou-me a perder



Hũa cama em que jazia  
Elle mesmo até meo dia,  
Boa e de receber.

Moço.

Cama chamão ca as arcas,  
Ou he fala assi mudada ?  
Quant'eu na sua pousada  
Sempre sei noites de barcas :  
E quero calar mais danos.  
Senhor Juiz, ha seis annos  
Que estou co'este Escudeiro,  
Ja'gora fôra barbeiro,  
Se não forão seus enganos.

Ao tempo que vim par'elle  
Estava mais melhorado,  
Mas agora, mal peccado,  
Mao pesar he feito d'elle,  
E da viola e do cavalo,  
E da cama e do vestido,  
E do meu tempo servido  
E d'outras cousas que calo.

Esta noite, eu lazerando  
Sôbre hũa arca e as pernas fóra,  
Elle acorda-me á hũa hora :  
— Oh ! se soubesses, Fernando,  
Que trova que fiz agora ! —  
Faz-me acender candieiro,  
E que lhe tenha o tinteiro,  
E o seu galgo uivando,  
E eu em pé, renegando  
Porque ao sono primeiro  
Esta meu senhor trovando.

ESCUDEIRO.

Não sabes, dize, parviço,  
Que sou eu o mesmo Paço ?  
Moç. Bem sei eu segundo jaço.  
Que cousa he paço e palhiço.  
Nem vós não tendes chumaço,  
Nem de ventura atolais  
Em colchões e cabeças.  
Tambem vós fazeis pendenza ?  
Eu não sei como a doença  
Não vai onde vós estais.

Peço contra elle, Juiz,  
Que o serviço que lhe fiz  
Que m'o pague por inteiro.

PER. Veremos nós o que elle diz.  
Que dizeis vós, cavaleiro?

ESC. Não ha hi por hu correr,  
Emque m'esfolem a pelle.

PER. Mando que sirvais a elle,  
E que lhe deis de comer  
Até que cumprais co'elle.

Moço.

Eu não quero mais sentença  
Senão que me deis licença  
E chamar-lhe-hei tu ou vós.

PER. Digo que te vas com Deos,  
E não faças mais detença.

ESC. Vêdes-me-aqui sem a moura,  
Trosquiado sem tisoura,  
Vêdes-me-aqui sem cavalo,  
Sem sela, sem mangedoura,  
E sem galinha nem galo.

Não praza a Deos co'a viola,  
Que assi se tornou mourisca,  
E eu fico á carraquisca,  
En los campos verdes sola.  
Porém, prazendo a Jesu Christo,  
Quero-m'ir fazer sôbre isto  
Dous pares de trovazinhas :  
O comer, por essas vinhas,  
Pois o demo me fez isto.

*Vem á audiencia quatro irmãos ; hum delles muito preguiçoso, outro que sempre baila, outro que sempre esgrime, outro que sempre fala amores. A estes per morte do pae não lhes ficou senão hum asno ; deixou o pae no testamento que o herdasse hum delles, e não nomeou qual. Entra o Preguiçoso dizendo :*

PREGUIÇOSO.

Não ha hi favo de mel  
Tão doce como a preguiça ;  
He mais desenfadadiça  
Que bom pomar nem vergel,  
Noutro dia hum meu amigo  
Em siso bradou comigo  
Porque durmo tras do lar

Na cinza, que he o acertar ;  
Porque diz o verbo antigo,  
Em cinza t'has de tornar.

Melhor he ser preguiçoso,  
Que homem negociado ;  
Porque quem for repousado  
Não sera malicioso,  
Mas sera homem de bem :  
Não dirá mal de ninguém  
Todo o tempo que dormir,  
Nem madrugará a acquerir  
Por haver o que outrem tem.

Venho ca, senhor Juiz,  
E dir-vos-hei a que venho,  
Porque a preguiça que tenho  
Faz de mim hũa boiz.  
Eu tenho huns tres irmãos :  
Hum delles he polas mãos  
Mui valente esgrimidor ;  
O outro não ha hum christão  
Tão doudo homem d'amor.

E somos quatro comigo,  
Preguiça he o meu fado.  
Meu pae, senhor, he finado,  
Sem nos ficar nem hum figo,  
Senão hum asno pelado.  
Vem todos ca á audiença,  
Porque temos differença  
Qual de nós o ha d'herdar.  
O esgrimidor quer-nos matar,  
O outro diz que he sua a herança,  
E lhe pertence por bailar.  
Eu não posso ja falar  
De preguiça, meu senhor.  
Eis ahi vem o bailador :  
Eu quero-me aqui deitar.

BAILADOR.

Pois tanto tarda o prazer,  
E tanto dura o pesar,  
Houvera Deos de fazer  
Que o pesar podera ser  
Prazer pera se lograr.  
E pois o nojo se vem

Sem o ir buscar ninguém,  
Eu acho ca no meu rol  
Que bailar de sol a sol  
Faço bem e mais câ bem.

Senhor Juiz, hufá ! eu por bailar  
Mereço o asno de meu pae,  
Hufá ! e vós mo julgae.

PER. Ou vós haveis de falar,  
Ou vós haveis de bailar.

BAL. Bailar.

PER. Ora bailae.

BAL. Hufá ! amores pardeos !  
Agora tornemos nós  
Falar na morte de meu pae.

Ficou hum asno da geneta,  
E somos quatro irmãos...  
Estão-me proindo as mãos  
Por dar huma çapateta,  
Como nos bailos vilãos.  
Hufá ! amores cortesãos !  
Eu bem poderei cansar,  
Mas não que leixe chegar  
Nojo, nem ao meu nariz.  
Abonda-vos a vós, Juiz,  
Que o burro m'haveis de dar  
Polo bem que a meu pae fiz :  
Que meu irmão preguiçoso  
Nunca sahia do lar.

PRE. Quero-m'ora levantar :  
Diz o sengo sabichoso  
Bom he às vezes falar.  
Vós o asno, meu senhor  
Juiz, não mo tolhereis,  
Porque certo sabereis  
Que este mesmo bailador  
Deitou meu pae através.

E eu guardava as casas todas  
Detras do lar estirado,  
Que sem mim fôra roubado.

BAL. Eu lhe trazia das bodas  
Sempre o capelo atestado  
De figos, de carne e pão.  
Bofá o asno me darão,  
Porque o tenho bem ganhado.

Pardeos, eu era alegria  
De nossa casa vazia.

Esse dormia coma cão,  
Que mijava onde jazia.  
Não vêdes meu afanar,  
E elle folgar, nó mais ?

PER. Pardeos, bem vos amanhais.  
E não he melhor folgar  
Que trabalhar por demais ?

PRE. Dizeis muito bem, Juiz ;  
Vós sois meu procurador.  
Eis ca vem sempre Amador,  
E veremos o que diz.

AMADOR.

Quem enfermo for d'amor,  
Como eu contino sam,  
Faça autos de christão,  
Confesse-se, tome o Senhor,  
Pois tem a morte na mão.  
E pera tam prestes partir,  
Ande tam triste como ando,  
Desejando  
A pena que está por vir.

Quem quiser vida serena  
Nunca queira o que eu queria,  
Porque das horas do dia  
A que me dá maior pena  
Me traz maior alegria.  
E o triste meu cuidado,  
Quanto mais desventurado,  
Mais ledo, porque se cura  
Com tristura,  
O mal que he desesperado.

Creio que quando nasci  
Estava o sol eclipsado,  
E o ar todo carregado  
De tristezas pera mi,  
Pois tristeza sam tornado.  
E o sino em que fui gerado  
( Olhae que desventura ! )  
Estava desconcertado,  
E logo foi condenado  
Meu nacer pera tristura.

(canta)

« Leixar quero amor vosso,  
« Mas não posso. »

Oh quem fôra ali com Deos  
Ao fazer do amor,  
E lhe dissera : ah Senhor,  
Amor sejais vós de nós,  
E não haja amor com dor.  
Fazei-o doce, amoroso,  
Suave, tirae-lhe a pena,  
Dae-lhe condição serena,  
Não haja tanto queixoso.

BAILADOR.

Que voltazinha ! hufá ! hufá !

PRE. Gran descanso he espreguiçar.

AMA. Ora deixae-me falar.

PER. Bofá, a vontade me dá  
Que não hei hoje d'acabar.AMA. Quanto mais favorecido  
Me traz esta rapariga,  
Tanto sinto mais fadiga,  
E queimo mais o sentido.

Ora vêde vós qu'he isto ?

PER. Falae eramá a bem do feito.  
Requerei vosso direito,  
Pois vos ja posestes nisto,  
E fareis vosso proveito.AMA. O asno, senhor Juiz,  
Qu'estes vem a demandar,  
A mi o haveis de julgar,  
E o direito assi o diz.

Porque eu sam namorado,  
E este asno canta coma anjo,  
E sera gran desarranjo  
Não me ser logo julgado ;  
E mais entende mui bem  
E responde por acenos.

BAL. Juiz, elle o merece menos :  
Eu bailei em Santarem  
Sendo os Iffantes pequenos.

E bailei no Sardoal,  
E de contino me vem

Bailar sem haver alguém  
Que me ganhe em Portugal.  
Ora olhae esta maneira  
Pera bailar com molher ;  
E sabeis como se quer ?  
Sempre a volta assi ligeira.

*Em quanto este baila o Preguiçoso dorme e ronca, e o  
Namorado canta e suspira, diŝ o*

FERREIRO.

Ora eu quarenta annos hei,  
E vi muitos homens ja,  
E andei per ca e per lá,  
Mas eu nunca tal topei.  
Ah corpo de sancto Ilario !  
Serem de hum pae gerecidos,  
E de hũa mesma mãe nacidos,  
Cada hum com seu veairo !  
Perneta, ou que demo sera ?

BAI. Hou Juiz, sahi vós ca,  
Dareis hũa volta comigo.

PER. Pardeos, baila tu, amigo,  
E salta atás qu'eu lá va,  
Tens bem de comer comtigo.

*Vem o outro irmão, a que chamão Ferão Brigoso,  
com sua espada nua e capa no braço, como que sahio  
d'algũa briga, e diŝ :*

BRIGOSO.

Bem basta a hum homem so  
Saltarem com elle cinco ;  
Mas catorze ! — não he brinco :  
Porém sacudi-lhe eu o pó,  
Como soio quando arrinco.  
Seis delles não escaparão,  
Que vão muito acutilados ;  
Os cinco vinhão armados,  
Feitos malha de Milão,  
Os tres trazião reliquias,  
E o coração de san Leão.  
Dizia eu dando no chão :  
Oh braço ! quão baixo ficas !

Eu trazer reliquia ! — nada.  
E sabeis vós porque não ?  
Porque mato com rezão,  
E quando levo da espada,

Treme a terra e abre o chão.  
E se he sôbre molher,  
Que merece ser servida,  
Nem Heitor não me tem vida.  
E quemcunque vul trazer,  
Nem por isso tem guarida.

E agora catorze a mi,  
Foi mui grande neicidade,  
Porque saibão a verdade,  
E o podem dizer assi  
No ceo á sancta Trindade,  
Que o certo em que me fundo  
He despovoar-lhe o mundo :  
E diga-lho quem quiser,  
Inda que saiba ir ter  
Ao Inferno mais profundo.

Ainda lá farei fataxas,  
Qu'eu não hei d'ir sem espada.  
Então tanta cutilada,  
Estocadas altas, baxas,  
Nesses diabos pancadas,  
Cutiladas polo ar,  
Polas nuvens, por estrelas.  
Trezentas e trinta querelas  
Tenho inda por purgar,  
E de mortes todas ellas.

PER. Sois vós o senhor, Juiz ?  
BRI. E pois quem no ha de ser ?  
PER. Ora pois eu quero ver  
Se sois juiz, se buiz.  
Que pouco m'hei de deter.  
Este asno deve ser meu,  
E vós assi mo julgae,  
Que eu fui honra de meu pae,  
E assi o provarei eu.  
O asno, Juiz, me dae.  
E senão...

PER. Como senão ?  
BRI. Senão, não sei que vos diga.  
PER. Cuidei que era isso briga.  
Não sejais sandivarrão,  
Qu'eu também não sou formíga.  
Tende vós em vós aviso,  
Ou darei tantas em vós,



Que vos faça ter mais siso.  
BRI. Não folgaria eu com isso,  
Mas pesar-m'hia, pardeos.

O que quiserdes julgar,  
Isso seja, isso quero.  
PER. Vós vindes tão bravo e fero  
Como se fosseis o mar,  
Ou em crueldade Nero.  
Não façamos mais detença.

AMA. Que julgais, Juiz honrado?

PER. Julgo per minha sentença  
Que o asno seja citado  
Pera a primeira audiença.

Em tanto podeis cantar  
E bailar e espreguiçar,  
Qu'eu vou buscar de comer.  
E quem de mim mais quiser  
Caminhe e va-me buscar.

*Sahirão-se todos cantando a seguinte*

Cantiga.

« Vamos ver as Sintrans,  
« Senhores, á nossa terra,  
« Que o melhor está na serra.  
« As serranas Coimbrans  
« E as da serra da Estrela,  
« Por mais que ninguem se vela,  
« Valem mais que as cidadans :  
« São pastoras tão louçans,  
« Que a todos fazem guerra  
« Bem desde o cume da serra ».